

UNESDOC:

Limites e possibilidades de pesquisa no arquivo digital da Unesco

Gustavo Mesquita*

Fundação Getúlio Vargas

gustavormesquita@gmail.com

Para o desenvolvimento da minha tese de doutorado, intitulada “Florestan Fernandes e o antirracismo nos Estados Unidos e no Brasil (1941-1964)” (Mesquita, 2017), contei com certas vantagens da pesquisa online em acervos digitais. A agilidade das buscas e a facilidade na produção de cópias dos documentos encontrados mostraram-se vantajosas para um historiador interessado na História mais em sua perspectiva global que estritamente nacional. Eu deveria ter feito mais viagens de pesquisa em arquivos estrangeiros, devido às exigências do meu problema historiográfico, não fossem as praticidades oferecidas pelos acervos digitais disponíveis na internet. O tempo e os recursos financeiros economizados dessa forma são os primeiros aspectos positivos da minha experiência digital na área de pesquisa histórica.

Não que a pesquisa *in loco* em acervos físicos tivesse perdido importância ou pudesse ser dispensada. Na verdade, comecei as buscas dos documentos de maneira presencial, recolhendo documentos de diferentes tipos em arquivos convencionais, como o Arquivo Público do Estado de São Paulo e o Fundo Florestan Fernandes. Bastante tempo dediquei a esta atividade, inclusive ao viajar para os Estados Unidos, em cujas cidades de Cambridge, Chicago, Washington e Nova York encontram-se arquivos relevantes para a reconstrução da história das Ciências Sociais no século XX. Rica, mas desafiante para um doutorando que nunca tinha pesquisado em arquivos estrangeiros, a viagem permitiu-me encontrar muitos documentos que seriam usados no desenvolvimento da tese.

Infelizmente, passada a experiência nacional e internacional com arquivos não-digitalizados, pouco tempo restava-me para a conclusão da tese. Assim surgiu de maneira

* Pós-doutorado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). É autor, além de artigos acadêmicos, dos livros *Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação, modernidade* (Global, 2018) e *Guerra Fria e Brasil: para a agenda de integração do negro na sociedade de classes* (Alameda, 2019).

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

abrupta a necessidade por um método de busca mais célere, visto que minha pesquisa não estaria completa sem uma documentação específica da Unesco: as edições dos anos 1950 e 60 das revistas *The UNESCO Courier* e *International Social Science Bulletin*. Esta necessidade foi atendida pela busca no arquivo digital da Unesco, também conhecido como Unesdoc, embora o mesmo não poderia ser dito se a demanda de documentos fosse outra. É preciso esclarecer que o Unesdoc se constitui num arquivo incompleto, em permanente construção, e projetado para uso remoto não exaustivo, servindo mais como complemento de pesquisas documentais do que o arquivo institucional em sua totalidade.

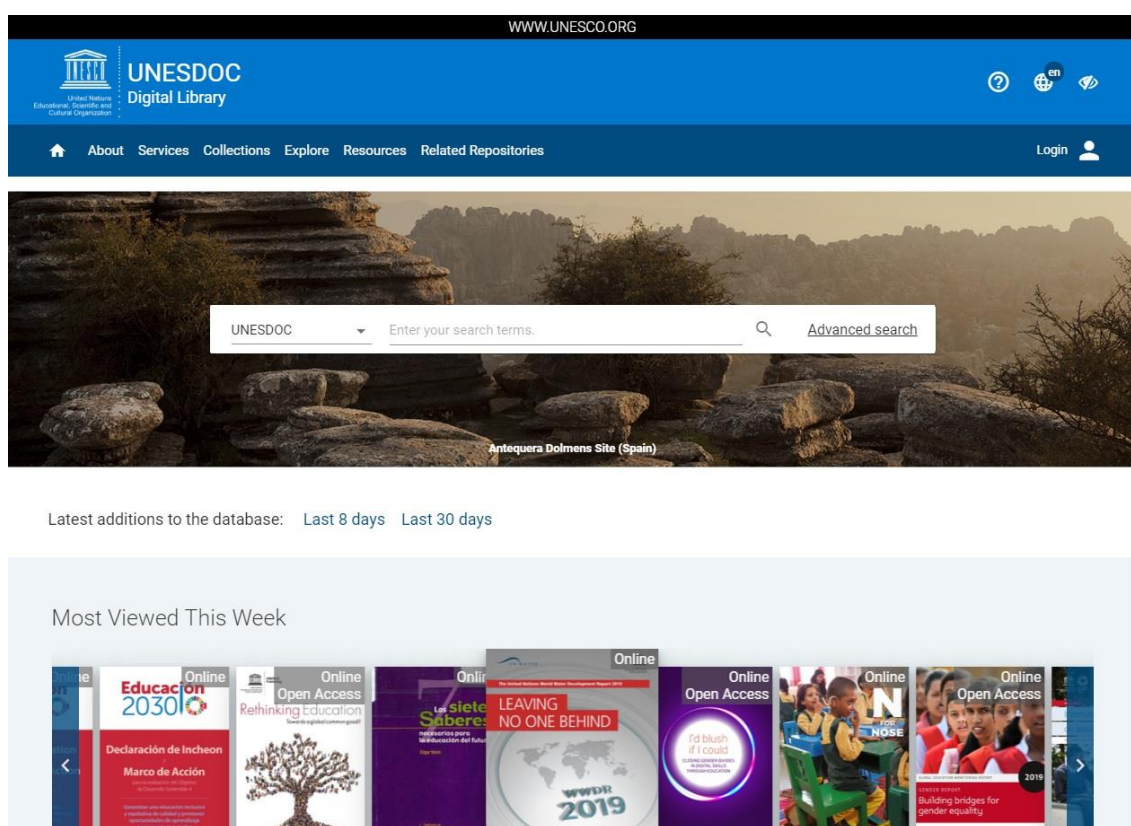


Imagem da homepage do Unesdoc (<https://unesdoc.unesco.org/home>)

Este trabalho tem o objetivo de compartilhar minha experiência de pesquisa com o Unesdoc. Talvez o relato de experiência possa auxiliar a prática de pesquisadores mergulhados em acervos digitais. Pretendo, ademais, juntá-lo aos questionamentos atuais em torno dos processos de digitalização arquivística realizados ao redor do mundo. Avanços

da chamada era digital, no mais das vezes irreversíveis, colocam novos desafios aos pesquisadores que trabalham com arquivos (o manuseio das bases de dados, a filtragem ou o refinamento das buscas, a atitude diante dos resultados obtidos etc.) O questionamento a partir de um caso extremo e imaginário ajuda a entendermos melhor os desafios presentes: um pesquisador interessado na história da Unesco poderia consultar só o Unesdoc para a realização de sua pesquisa? Poderia renunciar à pesquisa *in loco*? Esse procedimento bastaria a ponto de satisfazer as necessidades documentais de sua pesquisa? No fim da leitura deste texto, os leitores, assim espero, entenderão os motivos de a resposta ser negativa.

A digitalização de acervos é uma realidade que se impôs como tal no século XXI em decorrência da expansão da informática. Para a pesquisa histórica, esta realidade acarretou e continuará acarretando mudanças não só de caráter prático, mas teórico. Entender tais mudanças exige indagações constantemente feitas e refeitas, visto que, nos acelerados tempos em que vivemos, a inovação tecnológica de ontem pode ser superada pela de hoje, num movimento incessante de mudanças maiores ou menores. Creio não haver dúvida de que as ciências humanas estão inseridas neste movimento e, assim sendo, o caso do Unesdoc não se encerra em si mesmo: tem aspectos comuns a qualquer arquivo digital, a qualquer pesquisa que utiliza arquivos digitais. É nesse sentido que penso ao fazer o relato de experiência, de modo que as questões presentes ao redor da digitalização de acervos sejam contempladas a partir de uma experiência possivelmente interligada a outras.

O arquivo físico da Unesco encontra-se nos arredores de sua sede em Paris. Para lá não viajei durante o doutoramento, por isso é preciso reconhecer que por enquanto mal conheço este arquivo. A ausência do arquivo físico só não se transformou num problema mais sério para minha pesquisa porque o que seria perda de documentos foi equacionado por meio de buscas no Unesdoc. Recorri ao arquivo digital como uma forma de pesquisa documental a distância – aliás, o sentido de qualquer pesquisa com arquivos digitais –, e por meio dele encontrei aquilo que procurava. Por um lado, é indiscutível que o Unesdoc supriu uma demanda pontual, mas, por outro, devemos discutir se o repositório teria capacidade de oferecer amplitude documental além de demandas meramente pontuais. Afinal, bons pesquisadores têm por objetivo o quase esgotamento das possibilidades reais e potenciais de pesquisa documental, ao que a tradição arquivística mundial responde muito bem há tempos. Uma visão comparativa do arquivo digital com o físico é necessária para

avaliarmos diferenças e semelhanças, em termos sobretudo de extensão documental, entre os dois modelos arquivísticos. Mas não tenho condições de fazê-la plenamente neste momento, posto que meu conhecimento do arquivo de Paris é mínimo.

Limitar-me-ei a dizer que é fundamental indagar se havia documentos no arquivo físico ainda não disponibilizados no repositório digital quando a pesquisa era feita. Pesquisadores não podem simplesmente substituir arquivos físicos por digitais como se estes fossem reprodução completa daqueles. É preciso reflexão cautelosa antes de uma decisão como essa. Muitas vezes, arquivos digitais são lacunares, o que merece nossa atenção.

A primeira observação a ser feita, num registro positivo de minha experiência, é que o Unesdoc foi eficiente em prover os documentos impressos mais importantes para a interpretação que então construía das teses de relações raciais de Florestan não de maneira isolada, mas articulada em torno de uma rede internacional de Ciências Sociais constituída pela Unesco nos primórdios da Guerra Fria. Quando procurei vestígios da produção intelectual da Escola Paulista de Sociologia no Unesdoc, encontrei referências aos estudos raciais desenvolvidos por Florestan em artigos de destaque de Roger Bastide publicados no *International Social Science Bulletin*, sob os títulos de “The Negro in Latin America” (1952) e “Race Relations in Brazil” (1957).

The screenshot shows the UNESDOC Digital Library interface. At the top, the URL is www.unesco.org. The search bar contains 'UNESDOC' and 'roger bastide'. Below the search bar, there are navigation links: About, Services, Collections, Explore, Resources, Related Repositories, and a Login button. The search results section shows '254 results in UNESDOC for: roger bastide'. On the left, there are filters for Material type (periodical issue, book, programme and meeting document, article), Nature of content (conference material, bibliographies and indexes, biographies, historical works, legal materials), Source (UNESCO, Non-UNESCO, UNESCO-sponsored), and Language. The main content area displays three search results:

- Quincas Borba**: Person as author: Machado de Assis, Joaquim Maria [3], Acevedo, Alain de [translator] [1], Bastide, Roger [writer of introduction] [25]. Collation: 270 p. Language: French. Year of publication: 1955. Type of document: book.
- Race relations in Brazil**: Person as author: Bastide, Roger [25]. In: International social science bulletin, IX, 4, p. 495-512. Language: English. Also available in: Français. Year of publication: 1957. Type of document: article.
- Les Relations raciales au Brésil**: Person as author: Bastide, Roger [25]. In: Bulletin international des sciences sociales, IX, 4, p. 525-543. Language: French. Also available in: English. Year of publication: 1957. Type of document: article.

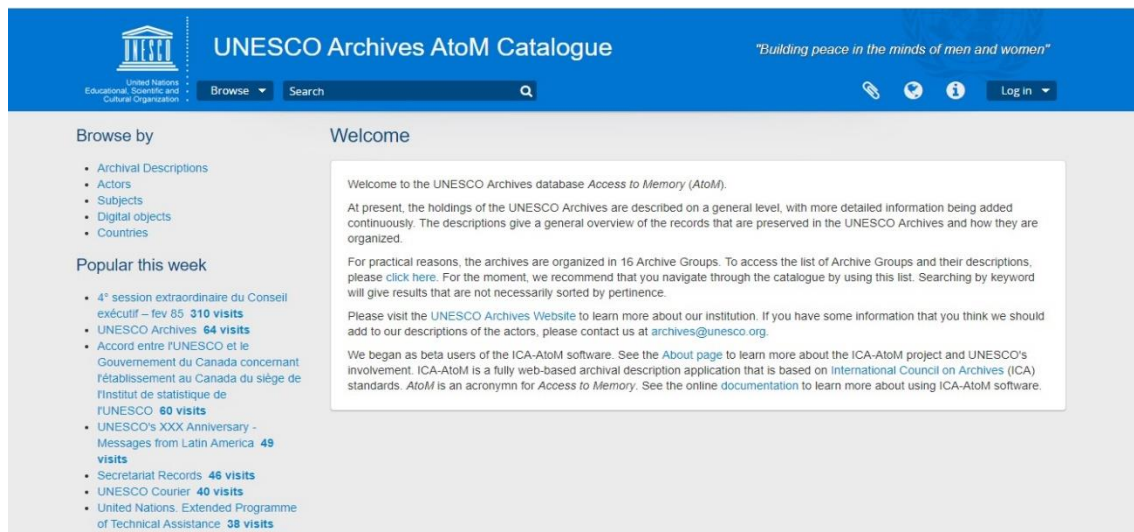
Parte inicial dos resultados obtidos com a busca simples por “Roger Bastide” no Unesdoc.

Muito mais pode ser encontrado diretamente no Unesdoc. No que diz respeito à pesquisa de doutorado, estão disponíveis não só a coleção do *International Social Science Bulletin*, na qual flagrei a primazia da Escola Sociológica de Chicago com a presença de Donald Pierson, Herbert Blumer, Franklin Frazier, St. Clair Drake etc., mas a coleção do *The UNESCO Courier* com várias edições dedicadas ao tema das relações raciais no Brasil e no mundo. Alguns livros de ciências humanas e sociais, escritos desde os anos 1950, também encontram-se disponíveis, mas nem todo livro pode ser consultado online, sendo necessário ao pesquisador buscá-lo numa das bibliotecas da Unesco ao redor do mundo.

A despeito da riqueza encontrada na parte de coleções de periódicos, o que podemos esperar das outras partes relativas à correspondência, papéis administrativos e de governança da Unesco? No Unesdoc há apenas uma diminuta parte destes conjuntos documentais em acesso livre. A maior parte, portanto, não está liberada para consulta online.

Para estes conjuntos, levando em conta a situação lacunar da documentação, o repositório funciona mais como catálogo do que arquivo propriamente dito. Seria um erro encará-lo como arquivo parecido com o de Paris nos casos que extrapolam livros e revistas. Possível, nesses casos, é saber em detalhe o que o arquivo físico dispõe.

Mas a função de catálogo é mais bem desempenhada pelo sistema conhecido por Access to Memory Catalogue (AtoM). Este sistema classifica e exhibe organizada e detalhadamente os conjuntos documentais que compõem o arquivo de Paris. Tanto o Unesdoc quanto o AtoM são ferramentas online do Unesco Archives. A diferença é que através do último não é possível ter acesso aos documentos no formato digital, somente aos metadados que os descrevem, sua classificação e localização no arquivo físico. O AtoM Catalogue é útil para pesquisadores que se dedicarão à pesquisa no arquivo físico em Paris, por ser ferramenta que permite ágeis maneiras de identificação e seleção de documentos por fundos e pastas. Diferentemente do Unesdoc, seu uso remoto só faz sentido se seguido de pesquisa documental no arquivo de Paris propriamente dito.



The screenshot shows the homepage of the UNESCO Archives AtoM Catalogue. The header is blue with the UNESCO logo on the left, the title "UNESCO Archives AtoM Catalogue" in the center, and the motto "Building peace in the minds of men and women" on the right. Below the header is a navigation bar with "Browse" and "Search" buttons. The main content area is divided into two columns. The left column has a "Browse by" section with a list of categories: Archival Descriptions, Actors, Subjects, Digital objects, and Countries. Below this is a "Popular this week" section with a list of items and their visit counts. The right column has a "Welcome" section with a white box containing text about the database, its organization into 16 Archive Groups, and instructions on how to use the catalog.

Homepage do AtoM Catalogue (<https://atom.archives.unesco.org>)

Como disse antes, o Unesdoc não possui a totalidade de documentos do arquivo de Paris no formato digital, nem mesmo todos os documentos presentes no arquivo digital estão liberados para consulta online. Estas características diminuem as chances de os pesquisadores encontrarem documentos significativos para suas pesquisas. Uso “encontrar” no sentido arquivístico de “procurar”, “selecionar” e “obter” o que se buscava. Face a este quadro, pensando de forma generalizante, é possível concluir que há aspectos positivos e

até mesmo vantajosos no uso de arquivos digitais, que são comuns à maioria dos pesquisadores. Por outro lado, e igualmente importante a ser pensado, são os cuidados necessários, comuns a todo pesquisador, que a inovação tecnológica inspira quando tratamos seriamente a questão do arquivo. A atitude crítica começa em não deixar seduzir facilmente nossas cabeças pelo “canto da sereia”, ou a ilusão de que cômodas pesquisas online sempre trarão os mesmos resultados das pesquisas ao modo tradicional. Desfazemos a ilusão na medida em que percebemos que arquivos digitais não são a mesma coisa que arquivos físicos, ao passo que arquivos físicos costumam ser o ponto de partida de arquivos digitais geralmente incompletos e seletivos.

Luciana Heymann (2012), ao analisar a situação da digitalização de acervos existente no mundo contemporâneo, chama a atenção para as especificidades do acervo digital em relação ao acervo físico. Se há uma onda de democratização do acesso provocada pela digitalização, os acervos digitais possuem características que precisam ser levadas a sério. Para a pesquisadora, há diferenças significativas entre o ato de pesquisar em acervos digitais e o de pesquisar em acervos físicos. Partindo do pressuposto de que os pesquisadores não sabem quais políticas internas das instituições arquivísticas definiram as diretrizes para digitalização de seus acervos, sempre seletivas, não é possível nem correto tomar a parte pelo todo, ou seja, aceitar resultados parciais e não exaustivos da busca online como se reproduzissem perfeitamente o trabalho de pesquisa do arquivo físico. No estágio atual dos processos de digitalização de acervos, seria equívoco acreditar que as ferramentas de acesso online recuperam a mesma quantidade de documentos, e com a mesma sistematidade da pesquisa tradicional, que pode ser encontrada nos arquivos físicos.

Para relacionar a experiência com o Unesdoc à análise da atitude do pesquisador diante de arquivos digitais, volto à pergunta do que poderia ter sido encontrado no arquivo de Paris que está ausente na tese de doutorado. Quais são as consequências desta questão para a minha pesquisa de modo particular? Qual sua pertinência para a pesquisa histórica de modo geral? Na segunda observação sobre o tema, devo reconhecer de antemão que o fato de não ter pesquisado no arquivo de Paris implica não só meu desconhecimento desta instituição, como ausência de documentos que possivelmente robusteceriam os argumentos construídos ao longo da pesquisa. Documentos oficiais, a exemplo da correspondência

de diretores do Departamento de Ciências Sociais da Unesco com brasileiros e estrangeiros, poderiam fornecer informações acerca dos estudos raciais estimulados em diferentes países, tendo o Brasil e sua intensa miscigenação como ponto de referência (Maio, 1997). Estes documentos, se cotejados com os administrativos, também disponíveis só em Paris, permitiriam uma análise mais acurada dos interesses que moveram a Unesco na tentativa de consolidar globalmente uma agenda de antirracismo; do valor assumido por tal projeto no interior da organização; das mudanças de percurso, e seus sentidos, ao longo do tempo etc. Documentação rica, enfim, da qual o Unesdoc, até o momento, não dá conta.

No que concerne à pesquisa de doutorado, perdi a oportunidade de ter acesso ao vasto acervo arquivístico da Unesco, tão sensível para estudos de história contemporânea, história das ideias, das ciências sociais e áreas afins. Este caso individual guarda relações com a pesquisa histórica mais ampla, pois fica a lição de que arquivos físicos não podem ser menosprezados se o objetivo em questão for levar a sério os métodos de pesquisa nas mais diversas áreas das ciências humanas. O cotejamento sistemático e crítico das fontes, para o qual documentos de arquivo são fundamentais, é um destes métodos. Comparando documentos de origens distintas, adentramos num caminho para encontrar algo que situe-se além da superfície do discurso estabelecido, do que está posto em evidência ao simples olhar: aquilo que moveu os homens em sua ação, aquilo que moveu a história.

Embora a miséria heurística, deixada pela impossibilidade de consultar o arquivo de Paris, não possa ser totalmente combatida com o uso do Unesdoc e de outros arquivos, foi na viagem aos Estados Unidos, para pesquisar em arquivos físicos, que pude remediá-la. Sabendo que a Unesco atua em defesa dos direitos humanos numa escala global desde sua criação em 1945, e que os maiores investimentos para a consecução de seus objetivos eram feitos pelos Estados Unidos, pude intuir que muito daquilo que procurava – vestígios dos diálogos internacionais de Florestan Fernandes – estariam em arquivos norte-americanos. E isto mostrou-se verdadeiro. No país do Norte, especialmente nas cidades ao Nordeste, há arquivos relevantes para a reconstrução da história global das Ciências Sociais, como os dos antropólogos Ashley Montagu, Marvin Harris e Margaret Mead, assim como dos sociólogos Edward Franklin Frazier e Talcott Parsons.¹

¹ Ver detalhes dos arquivos no anexo.

A documentação recolhida nos arquivos norte-americanos dera-me oportunidade de entender melhor conexões entre países e intelectuais colaboradores da Unesco, por ela financiados ou incentivados a inserirem-se em redes internacionais em formação no pós-Segunda Guerra Mundial. Comparada à documentação de arquivos brasileiros, realçando-se o próprio Fundo Florestan Fernandes, a documentação internacional apontou diálogos entre o pensamento sociológico do paulista com o de norte-americanos. Mais do que mera sintonia no modo de fazer ciência, a análise das fontes indicava que a trajetória intelectual de Florestan beneficiou-se dos incentivos às Ciências Sociais feitos por organismos controlados principalmente pelos Estados Unidos. A começar pela definição de diretrizes de pesquisa social, de sociedades prioritárias e de fluxo de investimentos, levada a cabo pela elite da Unesco, o que a documentação internacional revela em cartas, boletins e relatórios é um amplo diálogo intelectual entre a Escola Paulista e a Escola de Chicago. Com efeito, contrastando esta hipótese documental com a leitura dos artigos de Roger Bastide no *International Social Science Bulletin*, da própria Unesco, e com os dois principais livros de Florestan dos anos 50 e 60, *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo* (1955) e *A integração do negro na sociedade de classes* (1965), pude então entender a amplitude do diálogo estabelecido entre brasileiros e norte-americanos, tão importante para a formação de teses de relações raciais que davam sentido, em vários países, a uma agenda de antirracismo de cariz liberal-reformador, fundamentada no conceito de ação afirmativa.

Na construção do argumento central da tese de doutorado, o Unesdoc deu auxílio crucial, facilitando o acesso à coleção de revistas e livros que estão na base do argumento. Mas não substituiu o arquivo de Paris. Posto isso, considero um erro ver o Unesdoc como equivalente ao arquivo de Paris. São arquivos distintos em estrutura e função. O fato de o Unesdoc não ter completude, e mesmo de não ter esta pretensão, o distingue do arquivo físico. Para o pesquisador, associada à democratização do arquivo, a função do Unesdoc consiste em facilitar acesso a documentos no formato digital. Este procedimento, no entanto, não pode ser tomado como única forma de pesquisa, pois os resultados das buscas no Unesdoc não são exaustivos, ou seja, não representam a totalidade das possibilidades de identificação de documentos, muito menos a totalidade dos documentos em si. Isso, a rigor, significa que a atitude do pesquisador diante dos resultados obtidos com suas buscas deve ser de cautela para não vê-los como totalizantes, consolidados, acabados.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

O sentimento que tenho ao fazer este relato de experiência é que, pelo menos no ponto em que estamos, arquivos digitais funcionam bem se encarados como complementares aos arquivos físicos. Essa, a lição que fica no caso do Unesdoc.

ANEXO

Quadro descritivo de acervos pertinentes à história das Ciências Sociais no século XX

Brasil			
Fundo	Documentação	Arquivo	Localização
Donald Pierson	Relatórios acadêmicos e financeiros, pedidos de financiamento e cartas.	Arquivo Edgar Leuenroth	Unicamp Campinas/SP
Fernando de Azevedo	Textos acadêmicos, artigos de jornal e cartas.	Instituto de Estudos Brasileiros	USP São Paulo/SP
Florestan Fernandes	Artigos de jornal, relatórios de pesquisa, relatórios institucionais (USP) e cartas.	Fundo Florestan Fernandes	UFSCar São Carlos/SP

Estados Unidos			
Fundo	Documentação	Arquivo	Localização
Ashley Montagu	Textos acadêmicos (monografias), relatórios, declarações e resoluções da UNESCO.	Manuscript Collection	American Philosophical Society Filadélfia/PA
Charles Wagley	Textos acadêmicos e cartas	Special & Area Studies Collections	University of Florida Gainesville/FL
E. Franklin Frazier	Textos acadêmicos (artigos e monografias), artigos de jornal e relatórios para a UNESCO.	The Moorland-Spingarn Research Center	Howard University Washington D.C.

Emilio Willems	Artigos científicos.	Special Collection and University Archives	Vanderbilt University Nashville/TN
Margaret Mead	Relatórios, declarações e resoluções da UNESCO e cartas.	Manuscript Division	Library of Congress Washington D.C.
Marvin Harris	Artigos científicos, projetos de pesquisa, textos acadêmicos e cartas.	National Anthropological Archives	Smithsonian Institution Washington D.C.
Robert K. Merton	Artigos científicos, projetos de pesquisa, textos acadêmicos e cartas.	Rare Book & Manuscript Library	Columbia University New York/NY
Talcott Parsons	Textos acadêmicos, relatórios da American Sociological Association (ASA) e cartas.	Harvard University Archives	Harvard University Cambridge/MA

Referências

BASTIDE, Roger. The Negro in Latin America. *International Social Science Bulletin*, Unesco, vol. IV, n. 3, 1952.

BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Unesco, 1955.

BASTIDE, Roger. Race Relations in Brazil. *International Social Science Bulletin*, Unesco, vol. IX, n. 4, 1957.

CANCELLI, Elizabeth & MESQUITA, Gustavo & CHAVES, Wanderson. *Guerra Fria e Brasil: para a agenda de integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Alameda, 2019.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus; Edusp, 1965.

HEYMANN, Luciana. Documentos express: desafios e riscos do acesso online a documentos de arquivo. *Arq. & Adm.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, jul./dez. 2002.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

MAIO, Marcos Chor. *A história do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/Universidade Cândido Mendes, 1997.

MESQUITA, Gustavo. *Travessias americanas: Florestan Fernandes e o antirracismo nos Estados Unidos e no Brasil, 1941-1964*. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, 2017.